



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO
GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS



Hari Bueno França Freitas

O HUMANISMO EM ERICH FROMM E A POSSIBILIDADE DE LIBERDADE: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Campo Grande - MS
2025

Hari Bueno França Freitas

O HUMANISMO EM ERICH FROMM E A POSSIBILIDADE DE LIBERDADE: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Estevão Ramos de Miranda.

Campo Grande - MS
2025

Freitas, Hari Bueno França.

O humanismo em Erich Fromm e a possibilidade de liberdade : uma análise bibliográfica / Hari Bueno França Freitas. - Campo Grande, 2025.

34 f.

Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Estevão Ramos de Miranda.

1. Humanismo. 2. Liberdade. 3. Ética. I. Título.

Hari Bueno França Freitas

O HUMANISMO EM ERICH FROMM E A POSSIBILIDADE DE LIBERDADE: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Estevão Ramos de Miranda.

Data de aprovação ____/____/____.

Prof. Dr. Daniel Estevão Ramos de Miranda
Faculdade de Ciências Humanas - FACH

Prof. Dr. Ricardo Luiz Cruz
Faculdade de Ciências Humanas - FACH

Prof. Dr. Victor Garcia Miranda
Faculdade de Ciências Humanas - FACH

Campo Grande - MS
2025

Dedico este trabalho à minha mãe, Regina, que, embora impedida de me ver crescer neste mundo, concedeu-me a vida, razão pela qual lhe guardo eterna gratidão. Almejava um dia graduar-se em Direito, mesmo tendo concluído apenas o ensino médio.

Te eternizo, mãe, na voz de Maria Bethânia e Gal Costa:

*~Minha mãe me deu a vida,
E sempre ela me dará a vida.~*

Dedico também à minha avó, Edna, que exerceu o papel de mãe por duas vezes: ao me criar e ao me incentivar, continuamente, a buscar a minha melhor versão. Ela sonhou em se formar em Ciências Contábeis, ainda que tivesse apenas o ensino fundamental.

O diploma que hoje conquisto não é somente meu, mas igualmente delas - que renunciaram aos próprios sonhos para que o meu pudesse florescer; que caminharam sob o sol para que eu pudesse, hoje, repousar à sombra.

Estendo esta dedicação às minhas irmãs caçulas, Camylly e Halluma, cuja existência me motiva a jamais desistir, a ir além, e a inspirá-las a também alcançar o ensino superior. Sou a primeira pessoa de nossa família a obter um diploma, mas certamente não serei a última.

Dedico, igualmente, este trabalho ao meu amigo e veterano Diego Gonçalves, cuja passagem pela minha vida deixou um legado inesquecível. Embora não tenha tido a oportunidade de concluir sua formação e tenha partido prematuramente, sua presença, seu incentivo e sua trajetória continuam a me inspirar. Este diploma, portanto, também lhe pertence.

Dedico, ainda, este trabalho ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à presidenta Dilma Vana Rousseff, cujas políticas públicas educacionais possibilitaram que não apenas eu, mas milhões de brasileiras e brasileiros, adentrassem, pela primeira vez em mais de cinco séculos de história, numa universidade pública, gratuita e de qualidade. Graças a essas políticas, a filha de uma vendedora, neta de uma costureira pôde tornar-se cientista social.

Por fim, dedico este trabalho a todas e todos que ainda virão, pois a roda da história felizmente não cessa de se mover. A cada pessoa que um dia recebeu um ~não~ para sua existência, mas que romperá barreiras para tornar-se a primeira de muitas, deixo aqui o meu tributo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, às minhas professoras e aos meus professores, por todo o conhecimento compartilhado ao longo destes anos: por cada aula, prova, trabalho, seminário, palestra e livro indicado. Um pouco do saber de cada um de vocês reside hoje em mim, e por isso serei sempre grata.

Dirijo um agradecimento singular ao professor Dr. David Victor-Emmanuel Tauro, que me orientou por anos e cuja presença ultrapassou o âmbito acadêmico, tornando-se também a de um amigo, de uma figura fraterna - a imagem de um avô que não tive. Agradeço não apenas pelos ensinamentos, mas pelos conselhos, pelos almoços generosamente oferecidos, pelas caronas, pelo incentivo constante para que eu não desistisse do curso. Agradeço por ter comprado café de mim, quando eu vendia para conseguir retornar às aulas, lembrando-me de que meu propósito era maior. Sei que, embora não esteja aqui para testemunhar minha formatura, encontra-se em um lugar de paz e felicidade, certo de que sua missão foi cumprida. Obrigada, David.

Agradeço também ao professor Dr. Daniel, que me acolheu, acolheu esta pesquisa e não permitiu que ela se perdesse com a partida de David. Ensinou-me tanto sobre política que, hoje, posso atuar com destaque no legislativo municipal. Serei eternamente grata. Estendo ainda minha gratidão aos professores Dr. Ricardo e Dr. Victor, pelos ensinamentos e, sobretudo, por aceitarem compor minha banca de avaliação. Reconheço a responsabilidade que carrego e busco honrá-la.

Faço ainda uma menção especial ao professor Dr. Tiago Duque, a quem agradeço por me auxiliar a dar corpo a este trabalho, inserindo-o nas normas acadêmicas, mas que, ironicamente, desassossebou o meu próprio corpo ao retirá-lo das normas sociais, permitindo que Hari pudesse, enfim, emergir. Sou grata por seu conhecimento, sua gentileza e sua empatia, pois, graças a suas contribuições, compreendo hoje mais profundamente meu gênero e minha sexualidade. Sem sua escuta sensível, nada disso teria sido possível.

Sou também grata às amigas construídas ao longo da graduação, que me sustentaram nos momentos difíceis e celebraram comigo as alegrias vividas. O percurso tornou-se mais leve graças a cada um e cada uma. Registro de forma honrosa os nomes de Pedro Machado, Matheus Firmينو, Wesley Ovelar, Fabrício Espíndola, meu também amigo de infância Higor Nogueira, e, mais recentemente, meu calouro Lucas Feitosa. A lista é extensa, mas estes, em especial, precisava mencionar.

Agradeço, por fim, a mim mesma, por, apesar de todas as dificuldades, nunca desistir e por acreditar que era possível - que este espaço universitário também me pertencia.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar e reinterpretar Erich Fromm como um pensador político cujo humanismo ético fundamenta uma crítica ampla à modernidade capitalista. A partir do conceito de caráter social, Fromm explica como estruturas econômicas moldam necessidades, afetos e padrões de comportamento que sustentam formas de alienação, consumismo e submissão à autoridade. Além disso, Fromm combina psicologia social, ética humanista e socialismo democrático para propor uma sociedade orientada ao “modo de ser”, à criatividade, ao amor e à solidariedade. A discussão inclui a defesa de Fromm por uma ética baseada na atualização das capacidades humanas e pela superação das orientações não-produtivas, bem como a análise de sua crítica ao trabalho alienado, ao mercado de consumo e ao patriarcado. Na política institucional, destaca-se sua proposta de mecanismos participativos e democratização econômica. No nível global, Fromm antecipa debates sobre desigualdade, nacionalismo e a necessidade de “Um Mundo”. Conclui-se que a teoria de Fromm oferece um humanismo radical e normativamente robusto, capaz de enfrentar as limitações teóricas da pós-modernidade e renovar o horizonte emancipatório da esquerda em busca da liberdade positiva.

Palavras-chaves: humanismo; liberdade; ética.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze and reinterpret Erich Fromm as a political thinker whose ethical humanism grounds a broad critique of capitalist modernity. Drawing on the concept of social character, Fromm explains how economic structures shape needs, emotions, and patterns of behavior that sustain forms of alienation, consumerism, and submission to authority. Moreover, Fromm combines social psychology, humanistic ethics, and democratic socialism to propose a society oriented toward the ~mode of being~, creativity, love, and solidarity. The discussion includes Fromm's defense of an ethics based on the unfolding of human capacities and on overcoming non-productive orientations, as well as the examination of his critique of alienated labor, the consumer market, and patriarchy. At the level of institutional politics, his proposal of participatory mechanisms and economic democratization stands out. On the global level, Fromm anticipates debates on inequality, nationalism, and the need for ~One World.~ It is concluded that Fromm's theory offers a radical and normatively robust humanism capable of confronting the theoretical limitations of postmodernity and renewing the emancipatory horizon of the Left in its pursuit of positive freedom.

Keywords: humanism; freedom; ethics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O PAPEL DA PSICOLOGIA SOCIAL	12
3. A ÉTICA HUMANISTA	14
4. POSSIBILIDADES ÉTICAS POLÍTICAS	21
4.1 A Vida Cotidiana	22
4.2 As Instituições Democráticas	27
4.3 O conceito de "Um mundo"	29
5. CONCLUSÃO	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

Erich Seligmann Fromm (1900-1980) raramente é visto como um escritor político, apesar do seu compromisso constante com o humanismo socialista e de um longo histórico de apoio às causas radicais. O apelo dos best-sellers como *Arte de Amar* e *Ter ou Ser?* se baseou em grande parte na promessa de uma orientação espiritual que pudesse ajudar o leitor de forma individual a enfrentar o século XX enquanto uma época insensível.¹ Consciente do perigo de que seu trabalho pudesse ser utilizado para um escapismo emocional, Fromm deliberadamente omitiu certos materiais de sua obra final, *Ter ou Ser?*, a fim de dissipar a ideia de que os problemas de viver sob o capitalismo tardio poderiam ser resolvidos por uma regeneração espiritual de indivíduos esclarecidos, sem mudanças políticas e econômicas fundamentais.² Tal mudança só poderia ocorrer com uma revolução simultânea de valores, tanto que ele defendia um socialismo democrático que expressasse o estabelecimento de novos valores morais e a realização da solidariedade humana (FROMM, 1961, p. 268). Com esse horizonte, Fromm desenvolveu uma psicologia social e uma ética humanista profundamente influenciadas pelo trabalho do jovem Marx sobre a essência humana e sua alienação, e apoiou diversas iniciativas sociopolíticas que, em sua visão, poderiam aproximar-nos da meta de uma sociedade não alienada. Sua obra, como um todo, oferece um brilhante exemplo do valor da teoria sociopolítica interdisciplinar e fornece um sólido suporte ético para políticas radicais tanto dos ~velhos~ quanto dos ~novos~ movimentos sociais.

A educação e a formação de Fromm em Frankfurt foram profundamente imersas no judaísmo ortodoxo e em sua erudição rabínica, da qual ele reteve uma inclinação para o messianismo profético.³ Ele compartilhava a visão de paz e harmonia universais entre todas as nações e, buscando compreender e superar os obstáculos à sua realização, abraçou com entusiasmo as obras de Marx e Freud na

¹ *A Arte de Amar* vendeu 1,5 milhão de exemplares em língua inglesa entre 1956 e 1970 e foi traduzido para 28 idiomas (FUNK, 1982, p. 18).

² Fromm expressa seu desconforto em escrever sobre métodos de auto aperfeiçoamento porque grande parte da literatura desse tipo faz parte da ~farsa da salvação humana~, ele se opunha resolutamente à psicanálise cosmética, por exemplo (FROMM, 1961, p. 191-205).

³ Para conhecer mais sobre o início da carreira de Fromm, ver FUNK, op. cit., ou, o breve esboço biográfico proposto por Wiggershaus (1994, p. 52-60).

década de 1920.⁴ Em 1929, Fromm desenhou um ambicioso programa de pesquisa de longo prazo, argumentando a necessidade de investigar quais conexões existem entre o desenvolvimento social da humanidade - em especial o desenvolvimento econômico e técnico - e suas faculdades mentais, particularmente a organização do ego humano. Ele propôs fazê-lo por meio de uma antropologia histórica que desse às categorias psicológicas uma forma materialista histórica.⁵

Fromm levou essa perspectiva à Escola de Frankfurt (Instituto de Pesquisa Social) em 1930, inicialmente trabalhando em uma grande pesquisa empírica sobre os tipos de caráter da classe trabalhadora.⁶ Após fugir da Alemanha nazista para os Estados Unidos em 1934, juntamente com outros membros da Escola, rompeu decisivamente com a teoria biológica dos instintos de Freud, desenvolvendo uma abordagem culturalista mais compatível com a ênfase marxista na condicionante social. Essa posição, contudo, desagradou colegas como Adorno, Horkheimer e Marcuse, levando-o a deixar a Escola em 1939.^{7 8}

Pouco depois, em 1941, publicou uma visão psicológica panorâmica do desenvolvimento da consciência social desde a Reforma até meados do século XX - *O Medo à Liberdade* - que fornece a estrutura analítica para grande parte de seu trabalho posterior. A principal inovação conceitual de *O Medo à Liberdade* - a ideia de caráter social - será delineada na próxima seção, seguida por uma discussão crítica de sua tentativa provocativa de formular uma ética humanista fundamentada em uma teoria da essência humana, em *Análise do Homem*, publicado em 1947. Embora esse texto permaneça relativamente negligenciado, apesar do recente renascimento do interesse pela ética do "caráter" ou da "virtude", argumenta-se que ele pode oferecer uma base teórica poderosa para uma política emancipatória. Em seguida, abordaremos as tentativas de Fromm de desenvolver uma política socialista ética em suas intervenções em três níveis: 1) a vida cotidiana, 2) as instituições democráticas e 3) o emergente "Um Mundo". Por fim, defenderemos que

⁴ No capítulo 1 de *Meu Encontro Com Marx e Freud*, lançado originalmente como *Beyond the Chains of Illusion*, ele discute sua criação, juventude e descobertas acerca de Marx e da psicanálise (FROMM, 1979a).

⁵ Fromm iniciou seu trabalho como psicanalista em 1927. Esse foi basicamente seu discurso de abertura no Instituto de Psicanálise de Frankfurt (WIGGERSHAUS, op. cit., p. 55).

⁶ O estudo é conhecido como *The working class in Weimar Germany: a psychological and sociological study*.

⁷ WIGGERSHAUS, op. cit., p. 271.

⁸ O ataque a Fromm acabou sendo publicado em 1955 por Herbert Marcuse no epílogo de sua obra *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Fromm contra-ataca mais tarde em *A Crise da Psicanálise*, lançado em 1970 (ROMANETTO, 2019).

o pensamento social de Fromm oferece uma dimensão ética importante que deveria ser um componente essencial de qualquer teoria social emancipatória eficaz.

2. O PAPEL DA PSICOLOGIA SOCIAL

Em *O Medo à Liberdade*, Fromm situa o papel da psicologia social como uma tentativa de resolver a contradição dialética marxiana segundo a qual a história faz o homem, ao mesmo tempo em que o homem faz a história.⁹ Além de compreender como paixões e ansiedades são moldadas pelo processo social, a psicologia social tenta mostrar como essas energias, por sua vez, se tornam forças produtivas capazes de moldar esse mesmo processo social.¹⁰ O caráter social refere-se àquela parte da estrutura de caráter dos indivíduos que é comum à maioria dos membros de um determinado grupo social, desenvolvida em resposta às suas condições de vida:

O caráter social compreende uma seleção de traços, o núcleo essencial da estrutura de caráter da maior parte dos membros de um grupo, que se formou como resultado das experiências básicas e estilo de vida comuns àquele grupo (FROMM, 1978, p. 219).

O caráter é moldado pela adaptação dinâmica das necessidades à realidade social e, por sua vez, condiciona o pensamento, o sentimento e a ação dos indivíduos. Fromm enfatiza constantemente o dinamismo da natureza humana, segundo o qual indivíduos e grupos são capazes de resistir à sedução de certas adaptações escravizantes e abrir a possibilidade da liberdade positiva por meio da auto realização.^{11 12 13}

O conceito de caráter social ajuda a explicar a ligação entre a base material da sociedade e sua superestrutura ideológica: é o intermediário entre a estrutura socioeconômica e as ideias e ideais predominantes. A base econômica condiciona o caráter social, que por sua vez condiciona as ideias e ideais de uma classe ou grupo, os quais moldam novamente o caráter social e criam, reciprocamente, as

⁹ FROMM, 1978, p. 9-10.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid., p. 204-205.

¹² Ibid., p. 228.

¹³ Em sua discussão sobre o caráter social em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, ele enfatiza a interação entre a natureza humana e a natureza das condições externas, afirmando que a humanidade não é uma "folha em branco sobre a qual a cultura escreve seu texto" (FROMM, 1961, p. 90).

precondições ideológicas que sustentam a estrutura econômica (FROMM, 1978, p. 233).

Libertando-se do pessimismo inerente ao instinto de morte freudiano, Fromm pôde manter aberta a possibilidade de que, com base naquilo que compartilhamos como seres humanos, somos capazes de criar uma sociedade em que as relações de dominação e submissão sejam substituídas por relações de solidariedade (FROMM, 1978, p. 209). No entanto, grande parte de *O Medo à Liberdade* e de seus outros escritos analisa o lado negativo da dialética do progresso da modernidade. Sua análise da psicologia das transformações socioeconômicas desde a Reforma até o século XX revela várias maneiras de suprimir a liberdade que se tornara possível com a ruptura dos grilhões políticos, econômicos e espirituais da era pré-moderna. Segundo Fromm, a modernidade colapsa antigas seguranças de forma tão assustadora que diferentes grupos sociais recorrem a sistemas de crenças e movimentos que os prendem a novas formas de dominação e submissão. Com a Reforma, a autoridade da Igreja é substituída pela autoridade do Estado, e esta, por sua vez, pela autoridade da consciência. No século XX, a sociedade industrial ocidental em sua fase monopolista gera uma personalidade impotente, solitária e insegura, cuja perda de identidade a leva a conformar-se ainda mais às expectativas dos outros (FROMM, 1978, p. 202). Uma resposta política possível é a rendição da liberdade a um novo autoritarismo, ou, onde prevalece a democracia liberal, à “autoridade anônima do senso comum e da opinião pública” (FROMM, 1978, p. 201).

O Medo à Liberdade é uma ampla história psicológica da modernidade. Historiciza as percepções de Marx sobre alienação e fetichismo da mercadoria, oferecendo explicações convincentes dos processos sociopsicológicos pelos quais a liberdade que emerge com o desenvolvimento do capitalismo deixa as pessoas isoladas e dominadas por forças além de seu controle.¹⁴ Contudo, é possível notar uma mudança importante no capítulo final, *Liberdade e Democracia*. Ao tratar do caráter social daqueles que abraçaram o fascismo, Fromm foca nas classes médias baixas; mas, ao discutir o caráter social nas sociedades democráticas, não faz distinções de classe, frequentemente nos classificando implicitamente como parte de uma grande massa de autômatos que vivem sob a ilusão de serem indivíduos de

¹⁴ FROMM, 1978, p. 150-151.

vontade própria.¹⁵ Ele também adverte sobre a tendência das sociedades democráticas modernas de extraírem conformidade de seus cidadãos por meio das pressões competitivas e de simplificações midiáticas, desestimulando a espontaneidade e o pensamento crítico. A crise cultural e política, afirma Fromm, não decorre de um certo excesso de individualismo, mas do esvaziamento de sentido daquilo que acreditamos ser “individualismo” (FROMM, 1978, p. 214).

Muitos anos depois, Fromm resumiria em um artigo¹⁶ o caráter social do final do século XX com a expressão *homo consumens* - o ser humano impulsionado a consumir cada vez mais como compensação para o “vazio interior, a passividade, a solidão e a ansiedade” (FROMM, 1976, p. 245). Ainda que esse tema da pessoa atrofiada e atomizada seja quase um fio condutor da Escola de Frankfurt, Fromm contrabalança seus alertas com uma nota de esperança:

Se há algo para nos surpreender - e encorajar - creio que é o fato de a raça humana, a despeito de tudo o que tem sucedido com os homens, ter mantido - e com efeito desenvolvido - as qualidades de dignidade, coragem, decência e bondade que encontramos através da História e em inúmeros indivíduos de nossos dias (FROMM, 1978, p. 213).

O livro se encerra com um apelo ao surgimento de um socialismo democrático - embora Fromm acrescente que o nome pouco importa -, a fim de que as pessoas possam afirmar controle sobre os processos que atualmente reduzem o indivíduo médio à insignificância. O imperativo é combater o espírito do fascismo, substituindo a manipulação pela cooperação ativa e inteligente, por meio da extensão do princípio democrático à esfera econômica (FROMM, 1978, p. 216).

3. A ÉTICA HUMANISTA

A principal obra ética de Fromm, *Análise do Homem*, foi publicada em 1947.¹⁷ Como um texto sobre ética, ele é incomum, pois rejeita a abordagem de regras e princípios que dominou o tratamento filosófico da ética por dois séculos, optando por uma abordagem às vezes chamada de “ética do caráter”. Muito amparado por Spinoza e Dewey, Fromm defende que o caráter virtuoso está para potência assim como o caráter vicioso estaria para a impotência, e, o verdadeiro objeto de

¹⁵ Ibid.

¹⁶ A Aplicação da Psicanálise Humanista à Teoria de Marx (1976) apareceu originalmente na obra *Humanismo Socialista*. Mais tarde, foi reimpresso em *Da desobediência e outros ensaios*.

¹⁷ O título original pode ser traduzido como *O Homem por Si Mesmo: Uma Investigação sobre a Psicologia da Ética*.

investigação da Ética enquanto ciência teórica, seria a busca pela virtude (FROMM, 1983, p. 33).

A ética do caráter remonta à filosofia da Grécia Antiga, e nesse aspecto, a dívida de Fromm para com Aristóteles, é reconhecida livremente. Alasdair MacIntyre defende um retorno ao aristotelismo ético, argumentando que a tentativa iluminista de justificar a moralidade estava fadada ao fracasso porque abandonou o elemento central sobre o qual todo pensamento moral até então se baseava: a ideia de uma natureza humana e de um *telos* humano. O abandono dessa ideia deixa a filosofia moral convencional com a tarefa impossível de derivar preceitos morais a partir de uma visão de natureza humana ~não instruída~ (MACINTYRE, 2001).

Com certa frequência, os preceitos morais dos filósofos iluministas são concebidos para combater as inclinações dessa natureza. Nessa visão, o que é natural à humanidade é visto como um inimigo interior, algo a ser suprimido se o bem deve ser alcançado. Fromm critica explicitamente esse autoritarismo internalizado, expresso não apenas na teologia de Lutero e Calvino, mas também no sistema moral de Kant, para quem a busca da felicidade própria não tem valor ético positivo, e a verdadeira felicidade reside apenas no cumprimento do dever (FROMM, 1983, p. 120).

Essa ideia de que existe uma propensão natural para o mal e de que a lei moral é necessária para suprimi-la é condenada por Fromm, amar a si mesmo e amar o próximo não são fenômenos que transcendem a humanidade, mas sim atributos inerentes a ela. É o poder pelo qual nos relacionamos e nos apropriamos do mundo. Encontramos realização e felicidade apenas na relação e solidariedade com nossos semelhantes (FROMM, 1983, p. 107).

Qual seria então a concepção de natureza humana para Fromm? Como Aristóteles, ele pergunta o que distingue o ser humano dos outros animais. Para Fromm, autoconsciência, razão e imaginação rompem a harmonia que caracteriza a natureza animal. O ser humano é, ao mesmo tempo, parte da natureza e dela transcende; a razão nos impulsiona a buscar incessantemente novas soluções para os problemas que as necessidades do constante desenvolvimento nos impõem. A vida humana é de desequilíbrio inevitável, na qual não pode haver retorno a um estado pré-humano de harmonia com a natureza, mas apenas um desenvolvimento

da razão rumo ao domínio da natureza, inclusive da própria natureza humana (FROMM, 1983, p. 42).¹⁸

Somente ao reconhecer que o único sentido da vida é aquele que os seres humanos lhe conferem por meio da vida produtiva, pode surgir a possibilidade de alcançar a felicidade através da plena realização das faculdades que nos são peculiares: razão, amor e trabalho produtivo (FROMM, 1983, p. 44). Em *Análise do Homem*, Fromm cita Aristóteles e Spinoza como os principais filósofos humanistas, mas também endossa o comentário de Marx em *O Capital* sobre a importância de distinguir entre a natureza humana em geral e a natureza humana tal como modificada em cada período histórico.¹⁹ Em escritos posteriores, a dívida de Fromm para com a concepção marxiana de essência humana torna-se evidente. Em *A Revolução da Esperança*, publicado originalmente em 1968, ele comenta que talvez a definição mais significativa que caracteriza a espécie humana tenha sido dada por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, imputando a “atividade livre e consciente”.²⁰

Para Fromm, como para Marx, o cumprimento do nosso potencial como seres criativos é imperativo. De fato, Fromm explicita a dimensão ética essencialista da obra de Marx, concentrando-se na luta para superar a alienação da essência humana a fim de alcançar o “reino da liberdade”, no qual a auto realização se torna possível para todos (FROMM, 1970, p. 55).

A ética humanista de Fromm baseia-se no princípio de que “bom” é o que é bom para nós enquanto seres humanos, e “mal” é o que nos é prejudicial, sendo o bem identificado com a afirmação da vida e o desdobramento das capacidades humanas (FROMM, 1983, p. 15).

“Virtude” é a responsabilidade pela própria existência, enquanto “vício” é a irresponsabilidade diante de si mesmo. Inspirando-se em Aristóteles e Spinoza, Fromm valoriza a “produtividade” e a “orientação produtiva”, que envolvem o pleno desenvolvimento das capacidades humanas de criatividade, amor e razão. A falha em viver dessa maneira resulta em disfunção e infelicidade para o indivíduo, e, se

¹⁸ Essa visão de que a essência humana reside na contradição entre estar simultaneamente na natureza e transcendê-la é reiterada em *A Aplicação da Psicanálise Humanista à Teoria de Marx: “O homem define-se como relação.”* (FROMM, 1976, p. 39).

¹⁹ Fromm utiliza a citação de Marx em *O Capital*, traduzido para o inglês por Samuel Moore e Edward Aveling (FROMM, 1983, p. 34).

²⁰ *Ibid.*, p. 73.

isso ocorre em larga escala, o resultado é um “defeito socialmente padronizado” (FROMM, 1983, p. 192).

O contraste entre orientações produtivas e não produtivas é, portanto, vital para que a ética de Fromm seja significativa enquanto ética prática. As orientações não produtivas são apresentadas como os tipos receptivo, explorador, acumulativo e mercantil, sendo este último o mais recente desenvolvimento, no qual o caráter depende das exigências do mercado.²¹ Como o conceito de caráter social é dinâmico, essas sub-orientações não são mutuamente exclusivas, nem o são as orientações produtivas e não produtivas. Trata-se, antes, de quais orientações predominam e por quê. Em sua descrição da orientação produtiva, Fromm delinea o equivalente moderno das virtudes clássicas da filosofia grega.²² A produtividade envolve o desenvolvimento de nossas faculdades humanas de racionalidade e amor, evitando exercer poder como dominação sobre os outros. Por meio da produtividade, resolvemos o paradoxo da existência humana, expressando simultaneamente nossa unidade com os outros e nossa singularidade.²³

Fromm distingue entre ética “universal” e “imanente socialmente”, observando que princípios universais como “não matarás” ou “amarás o teu próximo como a ti mesmo” têm sido surpreendentemente semelhantes em todas as culturas. Mas há também princípios específicos de determinadas culturas ou classes sociais, cujas virtudes devem ser respeitadas para que a entidade social sobreviva (FROMM, 1983, p. 203-204). Em última instância, o conflito entre esses dois tipos de ética persistirá enquanto a humanidade não tiver conseguido construir uma sociedade em que o interesse da sociedade se torne idêntico ao de seus membros. A contradição entre princípios absolutos e imanentes tenderá a desaparecer apenas se a sociedade se tornar progressivamente livre e humana (FROMM, 1983, p. 207-208).

A explicação de Fromm para o principal problema moral da era moderna - a indiferença do homem por si mesmo - é, de fato, uma análise ético-psicológica do que o fetichismo da mercadoria faz com as relações humanas e a saúde mental. Ele argumenta que a busca por dinheiro, prestígio e poder impede o reconhecimento dos interesses do verdadeiro eu, e lamenta o fato de nos curvamos ao poder

²¹ FROMM, 1983, p. 61-76., para uma discussão completa das orientações não-produtivas.

²² Ibid., p. 77-101.

²³ Ibid., p. 100-101. Além disso, em *Ter ou Ser?*, Fromm lista as qualidades da estrutura de caráter do “novo homem”, enfatizando a necessidade de assumir total responsabilidade por nossas vidas, reduzir a ganância e o ódio, e exercer nossa imaginação na luta para eliminar circunstâncias intoleráveis (FROMM, 1979b, p. 165-169).

anônimo do mercado e da máquina, cujos servos nos tornamos (FROMM, 1983, p. 209-211).

Há algumas objeções óbvias à ética psicológica de Fromm. Primeiro, podemos perguntar por que sua visão do que constitui a vida plenamente vivida, ou verdadeiramente humana, deveria ser considerada mais válida do que qualquer outra. Fromm insiste que seus princípios normativos são objetivamente válidos, rejeitando a visão predominante desde Kant de que afirmações objetivamente válidas só podem ser feitas sobre fatos, e não sobre valores. Ele aponta para as artes e também para ciências aplicadas como a medicina e a engenharia, em que é comum construir normas objetivamente válidas pelas quais se julga o sucesso de um projeto, e onde o não cumprimento dessas normas é penalizado por resultados ruins. Em sua própria esfera, ele afirma que viver é uma arte e que a ética humanista é a ciência aplicada da arte de viver, baseada na teoria da ciência do homem.²⁴

Fromm reconhece que, apesar da grande quantidade de dados da antropologia e da psicologia, temos apenas um retrato muito provisório da natureza humana,²⁵ mas insiste que ~objetivamente válido~ não significa absoluto, e que todo progresso científico se baseia em verdades provisórias.²⁶ Fromm enfatiza repetidamente o caráter empírico e científico de sua psicologia, baseada amplamente em sua prática psicanalítica. Ao discutir o desenvolvimento inicial de seu interesse pela psicologia social, Fromm afirma: ~Não há uma única conclusão teórica sobre a psique humana, neste livro ou nos outros que escrevi, que não se baseie numa observação crítica do comportamento humano, feita no decorrer de meu trabalho de psicanalista~ (FROMM, 1979a, p. 15).

Fromm também foi pioneiro em pesquisas de levantamento para esclarecer tipos de caráter.²⁷ Esse trabalho empírico, combinado com análises críticas de categorias psicológicas desenvolvidas por Freud e outros, permite a Fromm falar com confiança sobre doença e saúde mental no indivíduo e na sociedade.

Uma segunda objeção potencialmente séria à sua ética, gira em torno de sua fé na capacidade da humanidade de realizar plenamente seu potencial por meio do

²⁴ FROMM, 1983, p. 23-31.

²⁵ Ibid., p. 31

²⁶ Ibid., p. 24

²⁷ O primeiro foi o já citado estudo dos trabalhadores alemães. O segundo foi um estudo com camponeses mexicanos, junto de Michael Maccoby, intitulado Social Character in a Mexican Village.

amor, da razão e da solidariedade humana (FROMM, 1961, p. 268-276). Pode-se perguntar por que deveríamos considerar apenas esse potencial positivo, quando a humanidade tão frequentemente demonstra seu potencial para a destruição em larga escala? Por que conceber a natureza humana como bondade lutando para ser livre, em vez de maldade mal controlada? Fromm estava plenamente consciente do perigo que sua tese humanista enfrentava diante de visões que enfatizaram a destrutividade ou a agressividade como aspectos inelutáveis da natureza humana. Ele rejeitou a adoção freudiana do instinto de morte, vendo-o como um reflexo do colapso do otimismo liberal diante dos horrores da Primeira Guerra Mundial (FROMM, 2004, p. 447-455).

Para Fromm, a destrutividade é essencialmente uma “potencialidade secundária” e, embora possua toda a força e intensidade de qualquer paixão, é meramente uma alternativa à criatividade, algo que emerge quando a vontade de criar não pode ser satisfeita (FROMM, 1961, p. 48-50). Nesse sentido, Fromm compartilha da visão de Marx sobre o progresso histórico da liberdade, embora sem qualquer ilusão sobre a dificuldade de avançar para uma sociedade emancipada a partir de um *status quo* profundamente desfavorável (FROMM, 1979b, p. 190-195). Sua obra mais extensa, *Anatomia Da Destrutividade Humana*, refuta os argumentos de intuitivistas e behavioristas que veem a agressão como inevitável, e também analisa a “agressão maligna” como essencialmente uma manifestação da ruptura da criatividade.²⁸ Tendências destrutivas potencialmente sérias, como ganância e inveja, não são fortes por sua intensidade inerente, mas pela dificuldade de resistir à pressão pública para ser um lobo entre lobos (FROMM, 2004, p. 107-135).

Creio que a posição de Fromm sobre a destrutividade é correta, pois, por mais hediondos que sejam os crimes cometidos pela humanidade, eles não devem ser considerados inevitáveis ou naturais, e, de fato, geralmente não o são. A sociedade não poderia evoluir se tal comportamento fosse endêmico à humanidade. Ao contrário, ele é aberracional e sujeito à análise racional da interação entre estruturas antagônicas criadas pelas sociedades e os grupos sociais que as vivem.

Uma terceira objeção à ética humanista de Fromm diz respeito à dificuldade de operacionalizar o ideal do caráter produtivo. Como já vimos em *Análise do Homem*, ele contrasta com as orientações não-produtivas. Mais tarde, em *Anatomia Da*

²⁸ A segunda parte do livro compila as evidências contra os teóricos intuitivistas, como Konrad Lorenz.

Destrutividade Humana, ele opõe a biofilia (amor ao vivo) à necrofilia (amor ao morto),²⁹ e finalmente, em Ter ou Ser?, ele contrasta o modo de ser com o modo de ter. O modo de ser é uma situação em que nossas atividades são produtivas no sentido de serem conscientemente voltadas ao enriquecimento da existência humana, em oposição ao modo de ter, no qual a atividade se dirige à aquisição de riqueza e poder sobre os outros (FROMM, 1979b, p. 41-45). Embora reconheça que o modo de ter é socialmente dominante, ele argumenta que apenas uma pequena minoria é totalmente governada por ele. Ainda existem aspectos na vida da maioria das pessoas em que elas são genuinamente tocadas por seus semelhantes através de sentimentos não-instrumentais (FROMM, 1979b, p. 121-124).

Um dos problemas para estabelecer imagens do indivíduo produtivo e do modo de ser é que a psicanálise tradicionalmente se concentrou nas neuroses, e não no bem-estar. Fromm compara seu ideal de produtividade com o conceito freudiano de caráter libidinal, que denota uma personalidade madura e feliz, mas observa que esse conceito permaneceu vago e abstrato (FROMM, 1983, p. 55). O problema é ainda mais complicado pela passagem teórica da consideração da saúde mental do indivíduo para a da sociedade (FROMM, 1961, p. 17-25). O pensamento utópico tradicionalmente aborda a possibilidade de uma sociedade feliz, mas muitas vezes isso é visto apenas como a remoção da ansiedade causada pela opressão ou privação material. Essas sociedades imaginárias costumam ser estáticas, como na Utopia de More ou em Looking Backward de Bellamy, carecendo da ideia de transcendência, que é central à concepção de Fromm sobre a natureza humana.

Mesmo com essas dificuldades, emerge da obra de Fromm uma imagem clara do indivíduo emancipado na sociedade livre, com ênfase em uma disposição produtiva e em relações sociais permeadas por solidariedade e amor (FROMM, 1979b, p. 167-169). Embora ele afirme que o verdadeiro artista é o representante mais convincente da produtividade, argumenta que não é necessário possuir tais dons criativos para viver produtivamente (FROMM, 1983, p. 78-79). A produtividade é a realização das capacidades humanas sem impor dominação, bem como o desenvolvimento de relações amorosas baseadas em cuidado, responsabilidade,

²⁹ FROMM, 2004, p. 353-357.

respeito e conhecimento (FROMM, 1983, p. 77-105). Talvez sua definição mais sucinta apareça em *Ter ou Ser?*:

O modo ser tem como requisito a independência, a liberdade e a presença da razão crítica. Sua característica fundamental é a de ser ativo, não no sentido de atividade externa, de estar atarefado, mas no sentido de atividade íntima, de emprego criativo dos poderes humanos. Ser ativo significa manifestar as faculdades e talentos no acervo de dotes humanos de que todo ser humano é dotado, embora em graus variáveis. Significa renovar-se, evoluir, dar de si, amar, ultrapassar a prisão do próprio eu isolado, estar interessado, desejar, dar (FROMM, 1979b, p. 97).

Embora seja possível que indivíduos vislumbrem essa condição por meio de experiências ocasionais, é claramente impossível universalizar tal ideal dentro das estruturas da sociedade capitalista. Em *Ter ou Ser?* Fromm argumenta que a ideologia capitalista da produção ilimitada, da liberdade absoluta e da felicidade irrestrita constitui uma nova religião do Progresso, “A Grande Promessa”, baseada no pressuposto psicológico de que o hedonismo radical e o egoísmo levarão à harmonia e à paz.³⁰ A promessa, evidentemente, nunca pode ser cumprida, pois se fundamenta não na satisfação geral, mas no estímulo à aquisição; e o indivíduo nunca pode estar satisfeito porque, como diz Fromm, “não há fim para meus desejos”.³¹ De fato, a própria lógica da acumulação gera um medo constante de perder aquilo que conquistamos.³²

Mas é possível mudar o mundo para melhor, aproximá-lo de uma condição de solidariedade humana? Fromm, de maneira realista, considera improvável que isso seja alcançado, estimando as chances contra algo como cinquenta para um; mas ele jamais abandona a esperança de que haja uma possibilidade real, por menor que seja.³³ E, talvez mais importante ainda, ele identifica alguns fundamentos para a esperança dentro do próprio sistema social em desenvolvimento, mesmo em uma época em que atomização, conformismo e fatalismo pareciam exercer forte domínio. A próxima seção irá explorar a identificação feita por Fromm de movimentos capazes de promover uma ética humanista ao desafiar os valores de um *status quo* que ele considerava mentalmente insalubre e, em última instância, insustentável.

4. POSSIBILIDADES ÉTICAS POLÍTICAS

³⁰ FROMM, 1979b, p. 23-29.

³¹ Ibid., p. 27.

³² Ibid., p. 129.

³³ Ibid., p. 190-195.

No ano de 1968, Erich Fromm ofereceu seu apoio à candidatura presidencial estadunidense do radical Eugene McCarthy, e, em um dos discursos que escreveu para ele, comentou que não basta que as pessoas tomem consciência das falhas dos processos sociais e políticos existentes, mas que elas devem ser capazes de construir alternativas (FROMM, 1998, p. 88-95). Muitas das campanhas que Fromm endossou foram respostas a questões imediatas da época, como a Guerra do Vietnã e o impasse entre as superpotências nucleares. No entanto, muitas de suas outras intervenções mantêm relevância direta para nossa situação contemporânea e promovem uma abordagem ética que pergunta: como as pessoas podem fomentar processos e estruturas compatíveis com uma vida mais humana e produtiva? Como dito na introdução, elas operam em três níveis: primeiro, a vida cotidiana; segundo, instituições políticas dentro dos Estados existentes; e terceiro, o emergente “Um Mundo”.

4.1 A Vida Cotidiana

Um tema recorrente em sua contribuição para uma política da vida cotidiana é a experiência do trabalho. Para Fromm, assim como para Marx, produzir fazia parte da essência humana, embora, na sociedade moderna, o trabalho se torna normalmente uma experiência embrutecedora. Para o trabalhador manual, a desqualificação destruiu o interesse pelo processo de trabalho, gerando uma “síndrome de patologia socialmente padronizada”, manifestada em apatia, tédio, falta de alegria e uma vaga sensação de que a vida é sem sentido (FROMM, 1961, p. 290). A maioria dos trabalhadores sofre com as estruturas de autoridade ditatoriais das grandes corporações, nas quais as elites gerenciais exibem um poder praticamente ilimitado, sendo o oposto do processo democrático.

Mas, mesmo quando métodos gerenciais autoritários não predominam, empregados, ou trabalhadores autônomos, são obrigados a vender a si mesmos, suas personalidades, para sobreviver e progredir. Esse conceito de orientação mercadológica é extremamente útil para compreender a mediocridade da gestão moderna em organizações que avaliam mérito por critérios arbitrariamente impostos e isentos de responsabilização. O sucesso individual resulta, raramente, “da competência e de certas qualidades humanas, como honestidade, decência e integridade” (FROMM, 1983, p. 67). Além da pressão gerencial direta, a insegurança do mercado de trabalho faz com que aqueles que estão empregados vivam com

medo de ofender a administração ou se sintam obrigados a ajustar seu comportamento para se conformar à cultura organizacional. Aqueles que desejam mudar de ocupação na meia-idade têm poucas oportunidades de fazê-lo e acabam presos por décadas em trabalhos que não lhes despertam qualquer interesse.

Fromm deixa bastante claro que esses problemas não serão adequadamente resolvidos antes da realização do objetivo final do socialismo: o controle democrático de todas as atividades econômicas, a cooperação livre de todos os cidadãos e a redução da atividade do Estado central ao mínimo (FROMM, 1976, p. 243). Mas ele estava plenamente consciente da necessidade de apresentar metas socialistas intermediárias que pudessem ser perseguidas de forma significativa por amplos setores da classe trabalhadora. Essas metas intermediárias incluem o apoio a um programa de Renda Básica, a redução da jornada de trabalho, a participação dos trabalhadores na gestão e uma atividade sindical mais forte em relação às condições de trabalho.

A ideia de uma renda garantida para todos, que atualmente volta a despertar interesse, foi apoiada por Fromm pela primeira vez em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, onde ele argumenta que eliminar a ameaça econômica da fome tornaria muito difícil impor condições de trabalho inaceitáveis. Ele vê essa medida como um meio de remover uma das maiores limitações à liberdade humana: a ameaça da fome contra todos aqueles que não estavam dispostos a aceitar as condições de trabalho e de existência social que lhes eram impostas. É importante notar que, para Fromm, a ideia precisava ser acompanhada de uma redução drástica da jornada de trabalho para todos e de medidas para desencorajar o consumo socialmente prejudicial. Ele fala em uma transição do consumo "máximo" para o consumo "ótimo", sem a qual aqueles que recebessem apenas a renda básica mínima se sentiriam frustrados e sem valor. Idealmente, a Renda Básica seria um passo em direção à libertação das pessoas da dominação exercida pelo mundo do trabalho, de modo que elas tivessem tempo para enfrentar as questões críticas sobre a direção em que a sociedade estava caminhando e os valores que ela encarnava (FROMM, 1961, p. 324-327).

Outra abordagem que Fromm considera significativa é o trabalho sobre gestão de relações humanas, onde Elton Mayo foi pioneiro no final da década de 1940. Em seu estudo dos vários experimentos de gestão conduzidos na Chicago Hawthorn Works, Mayo demonstra que a produtividade dos trabalhadores aumentou

consideravelmente não porque suas condições foram melhoradas, mas principalmente porque eles participaram das decisões que definiam essas condições. A participação na tomada de decisões não apenas melhorou a satisfação deles no trabalho, como também aumentou a produtividade (FROMM, 1961, p. 290-295). Embora seja possível descartar a gestão de relações humanas como apenas mais um artifício para aumentar a produtividade, a demanda por democracia no local de trabalho desperta a consciência sobre a realidade autoritária e amplamente não responsabilizada pela maioria dos sistemas de gestão. A evidência da maior eficiência de esquemas participativos também desafia a suposição comum na administração de que os trabalhadores só desempenharão melhor sob a ameaça de medição de desempenho.

Em um manifesto socialista que redigiu para o Partido Socialista Americano, Fromm exige a participação dos trabalhadores na gestão das grandes corporações e uma maior influência dos sindicatos, particularmente em questões relacionadas às condições de trabalho. Escrevendo em 1968, Fromm lamentou a burocratização dos sindicatos e sua excessiva concentração em salários, defendendo, em vez disso, um retorno ao seu propósito original, social e amplo (FROMM, 1975, p. 111-112). Sua proposta de grupos comunitários presenciais no local de trabalho para decidir sobre condições e práticas laborais foi inspirada pelos movimentos de autogestão na França.³⁴

Curiosamente, apesar das dificuldades enfrentadas pelos movimentos trabalhistas desde que Fromm fez esses apelos, os sindicatos tenderam a ampliar seus esforços para enfrentar sexismo, racismo, assédio moral, danos ambientais e questões de saúde e segurança. A fragilização da negociação coletiva que acompanhou o pós-fordismo, porém, levantou novas questões sobre o tratamento de indivíduos e grupos específicos de trabalhadores, o que forneceu aos sindicatos novas oportunidades para se opor ao poder da gestão autocrática.

Na década de 1950, Fromm havia antecipado o desenvolvimento daquilo que cunhou como “supercapitalismo”³⁵, onde se via a ampliação da competição dentro do próprio local de trabalho por meio da disseminação de incentivos como

³⁴ FROMM, 1961, 296. Além disso, no prefácio da terceira edição, ele comenta que o modelo iugoslavo oferecia possibilidades de adoção em larga escala.

³⁵ FROMM, 1961, p. 234-240.

remuneração por desempenho e bônus.³⁶ Mas ele continua vendo a importância duradoura da atividade sindical na resposta ao ambiente de trabalho em transformação e na defesa da dignidade do trabalho.

Um segundo tema da vida cotidiana que interessou Fromm foi o efeito social do processo de consumo. No mundo da publicidade e do marketing, ele via a manipulação das necessidades e a imposição da conformidade, mas também via a possibilidade de contestar o poder das grandes corporações. Com um grande pressentimento, apoiou o trabalho dos movimentos de consumidores já em 1941:

O associacionismo dos consumidores tem procurado restaurar a capacidade crítica, dignidade e sentimento de significação do freguês, agindo, portanto, em direção semelhante à do movimento sindical (FROMM, 1978, p. 109).

Embora o desenvolvimento do capitalismo traga consigo um impulso para atender a quaisquer desejos presentes na sociedade, Fromm aponta que sempre houve regulamentação ou proibição de certos produtos, às vezes por preocupação com danos corporais, mas muitas vezes com base em vestígios remanescentes da moralidade puritana. O que Fromm gostaria de ver é o avanço de um consumo promotor da vida, em vez de um consumo negador da vida. Sua sugestão, feita em 1968, de que um grupo de especialistas (psicólogos, sociólogos, economistas e consumidores) pudesse estudar o consumo para determinar quais produtos eram humanos e quais não eram, agora parece um tanto ingênua, mas o desenvolvimento posterior de grupos independentes que promovem esse tipo de escrutínio crítico está perfeitamente alinhado com a atitude de Fromm de transformar o consumo em um campo de luta. Seu apoio à “revolução do consumidor” contra a dominação da indústria antecipa alguns dos desafios bem-sucedidos ao capital corporativo que ocorreram desde então (FROMM, 1975, p. 127-133).

Em última instância, conclui Fromm, que um consumo saudável só se torna possível quando restringimos o direito das corporações de determinar sua produção exclusivamente com base no lucro e na expansão. Antes disso, porém, a luta em torno do consumo pode revelar a irracionalidade do sistema global de produção e refletir um novo desejo de superar a passividade. Assim, as lutas contra as corporações do tabaco e as gigantes do petróleo ajudam a questionar a lógica da

³⁶ Fromm encontrou essa ideia em *Incentive Management*, de J. F. Lincoln, dirigente da Lincoln Electric.

acumulação e a promover a conscientização sobre as limitações do poder corporativo. Fromm conclama “greves de consumo” como ferramenta para liberar o potencial dos consumidores de mentalidade humanista e afirmar um impulso democrático genuíno de maneira ativa e não alienada (FROMM, 1979b, p. 173-177).

Um terceiro aspecto da vida cotidiana que Fromm identifica como desempenhando um papel central na luta para transformar valores é o feminismo, ou a “libertação das mulheres”, como era conhecido por ele. Rejeitando a concepção freudiana das mulheres como pouco mais do que homens castrados, Fromm, escrevendo em 1969, categoriza as mulheres como uma classe explorada pelos homens em todas as sociedades patriarcais, exigindo uma ideologia que explique sua dominação como “natural” (FROMM, 1977, p. 39-41).

Sua posição não era apenas uma resposta ao feminismo da segunda onda, pois já em 1934 ele havia escrito de forma crítica sobre os aspectos prejudiciais das estruturas psíquicas “patricêntricas”. Focando no trabalho do século XIX sobre o matriarcado de J. J. Bachofen, Fromm relaciona o patriarcado à manutenção da sociedade de classes e conclui que estruturas psíquicas “matricêntricas” são, implicitamente, socialistas. Bachofen via a sociedade matriarcal como democrática, sexualmente aberta e sem propriedade privada, na qual o amor materno e a compaixão eram os princípios morais dominantes, e ferir outra pessoa era a ofensa mais grave (FROMM, 1977, p. 90).

Segundo Fromm, isso ressoava com a ênfase marxista no atendimento de todas as necessidades materiais por meio do controle social democrático e com a promessa de uma vida de felicidade que residia no desdobramento harmonioso da própria personalidade (FROMM, 1977, p. 108). Retornando ao tema em 1969, Fromm relaciona o significado da ideia de matriarcado³⁷ ao desenvolvimento da “revolução das mulheres”, que buscava tornar realidade a ideia iluminista da igualdade de todas as pessoas (FROMM, 1977, p. 80).

Em *Ter ou Ser?*, ele argumenta que a libertação das mulheres da dominação patriarcal é um “fator fundamental na humanização da sociedade” e conclui que, se o movimento de mulheres conseguir identificar seu papel e função como um “anti-poder”, então as mulheres terão uma influência decisiva na luta por uma nova sociedade (FROMM, 1979b, p. 185-187). Fromm percebe o patriarcado como uma

³⁷ Fromm, deixa claro que prefere uma síntese dialética frutífera entre os princípios matriarcais e patriarcais, em vez de simplesmente a eliminação destes últimos.

distorção da essência humana e o feminismo como um caminho para a realização da verdadeira humanização, uma igualdade de reconhecimento e respeito. Ser um ~anti-poder~ é reconhecer as fontes e configurações do poder social e, para Fromm, isso está enraizado no controle dos meios de produção e administração.

Feministas pós-modernas como Iris Young (1990) rejeitam esse tipo de essencialismo por considerarem que ele inevitavelmente nega a ~diferença ontológica entre os sujeitos~, mas não está claro que o empoderamento de uma multiplicidade de grupos que celebram suas diferenças possa superar o problema da injustiça estrutural que ela mesma reconhece e que impõe sua própria narrativa dominante sobre nossas vidas.

4.2 As Instituições Democráticas

Passando ao segundo nível de participação social considerado por Fromm, seu trabalho sobre a renovação da democracia política é mais significativo em princípio do que nos detalhes práticos de suas sugestões e intervenções. No entanto, é importante notar que ele estava disposto a se engajar na atividade política convencional, mesmo quando esta ficava muito aquém de seu ideal de socialismo democrático. Aqui o contraste com Herbert Marcuse não poderia ser mais claro, pois este último desaprovava qualquer envolvimento com a política estabelecida, levando Fromm a acusá-lo de falta de preocupação com a política (FROMM, 1975, p. 22-23). As ideias de Fromm para renovar a política democrática aparecem inicialmente, de forma breve, em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Ele aceita amplamente as conclusões pessimistas de Joseph Schumpeter em *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, segundo as quais a maioria dos cidadãos nas democracias ocidentais modernas eram passivos, apáticos e detinham pouco poder sobre a tomada de decisões. Para enfrentar isso, Fromm sugere algo como um retorno às antigas ~Town Meetings~ dos primórdios dos Estados Unidos: reuniões presenciais de grupos bem informados e capazes de influenciar diretamente as decisões tomadas pelas figuras de poder local. Tais grupos poderiam se reunir mensalmente e ser compostos, digamos, por 500 cidadãos, organizados por áreas ou locais de trabalho e, idealmente, formados por pessoas de diversos estratos sociais (FROMM, 1961, p. 328-332).

Todas essas ideias são desenvolvidas com mais profundidade em *A Revolução da Esperança*, obra na qual ele sugere que o equivalente às Town

Meetings poderiam se tornar uma parte oficial do processo decisório nos níveis estadual e federal (FROMM, 1975, p. 124).

Ele também propõe um Conselho Nacional³⁸ chamado “Voz da Consciência Americana”, composto por cinquenta “bons” americanos para discutir os principais temas da atualidade e emitir recomendações. Questões maiores poderiam ser debatidas em níveis inferiores por clubes de 100 a 300 pessoas, e por pequenos grupos de cerca de 25 pessoas (FROMM, 1975, p. 159-169).

A ideia geral era uma ordem política mais participativa, em que os fóruns servissem tanto a uma função educativa quanto deliberativa, de modo a contrabalançar o poder dos interesses estabelecidos. O problema central é como tal iniciativa poderia ser implementada, e não há resposta óbvia. Fromm tentou levar a ideia adiante incluindo em cada exemplar de A Revolução da Esperança um cartão perguntando aos leitores quem eles indicariam para o Conselho Nacional e se estariam dispostos a participar de um clube ou grupo.³⁹ No entanto, fóruns democráticos historicamente tendem a florescer apenas em momentos revolucionários, e a aspiração recorrente por maior participação precisa buscar novas formas. Um caminho possível seria o avanço da representação proporcional e o envolvimento de organizações não partidárias no processo político. Outro seria a participação por meio de computadores pessoais conectados on-line, e é mérito de Fromm ter identificado o potencial democrático da informatização já em 1968 (FROMM, 1975, p. 105-110).

4.3 O conceito de “Um mundo”

O nível mais elevado de atividade política que preocupa Fromm é o nível internacional ou global. Em um discurso na Califórnia, em 1962, ele argumenta que a globalização da produção industrial e os novos métodos de comunicação significam que está surgindo “Um Mundo”, e que este é provavelmente “o acontecimento mais revolucionário da história da humanidade” (FROMM, 1998, p. 61). A questão que ele coloca é se esse Um Mundo será habitável ou um grande campo de batalha.

Ele dedicou muita energia, nas décadas de 1950 e 1960, no apoio à causa do desarmamento nuclear e à defesa da distensão entre as superpotências (FROMM,

³⁸ Em Ter ou Ser?, ele sugere um Supremo Conselho Cultural (FROMM, 1979b, p. 187-190).

³⁹ A resposta é desconhecida.

1984). Hoje, no entanto, talvez as questões mais relevantes sejam a desigualdade global e o poder do nacionalismo. Sobre a desigualdade global, Fromm defende a redistribuição de recursos dos países ditos desenvolvidos para os países mais pobres. Para que isso aconteça, o modo de ter precisa ser enfraquecido significativamente, e deve emergir um senso de solidariedade, de cuidado (e não de piedade) (FROMM, 1979b, p. 193-195).

Mas isso não é apenas um desejo piedoso. Ele aponta o aumento do preço do petróleo em 1973-1974 e a Guerra do Vietnã como afirmações dos direitos dos antigos Estados colonizados de desafiar sua exploração e opressão pelas potências dominantes. O passado recente tem sido rico em palavras sobre redistribuição global e pobre em ações efetivas, mas é evidente que uma questão que era marginal durante a vida de Fromm ganha grande relevância no novo século.

O principal obstáculo ideológico, na visão de Fromm, para o desenvolvimento de uma sociedade global harmoniosa é o tribalismo: um sentimento de que só confiamos naqueles que pertencem à nossa tribo, que comem os mesmos alimentos, cantam as mesmas músicas, falam a mesma língua. O nacionalismo é a forma moderna de tribalismo, por meio da qual projetamos todo o mal que há em nós sobre o estrangeiro e, ao fazer isso, perdemos o contato com a humanidade (FROMM, 1961, p. 37-40). Como parte de seu "credo" pessoal, incluído em *Meu Encontro com Marx e Freud*, ele expressou sua crença de que o Um Mundo só se tornará verdadeiramente humano se surgir um "Novo Homem", livre de lealdades tribais, além dos apelos do sangue e do solo, que se sinta um "cidadão do mundo cuja lealdade é com a raça humana e com a vida" (FROMM, 1979a, p. 167-170).

Em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* ele faz uma denúncia inequívoca do nacionalismo, descrevendo-o como nossa forma de incesto, idolatria e insanidade, com o patriotismo como seu culto (FROMM, 1961, p. 50-51). Ele lamenta o poder sem precedentes da fúria dirigida contra aqueles que têm a ousadia de negar que amam seu país ou que apoiam cegamente seu esforço de guerra, e critica o fato de que essa raiva nacionalista frequentemente se apresenta sob a racionalização da solidariedade. Ele argumenta que, ao contrário, a solidariedade humana só pode ser encontrada quando o nacionalismo for superado; apenas quando desenvolvemos nosso amor e nossa razão além do que fizemos até agora é que poderemos "construir um mundo baseado na solidariedade e na justiça

humana~ e, assim, transformá-lo em ~um lar verdadeiramente humano~ (FROMM, 1961, p. 69-70).

A persistência do nacionalismo belicoso em conflitos violentos na Europa Oriental e no Oriente Médio indica a força do problema identificado por Fromm. No entanto, em movimentos voltados ao desenvolvimento de entidades supranacionais como a União Europeia, o BRICS e em fóruns como as cúpulas globais, há ao menos a possibilidade de que esses conflitos possam ser amenizados.

5. CONCLUSÃO

A combinação que Fromm nos apresenta entre psicologia social, ética humanista e política socialista democrática oferece não só uma alternativa poderosa, mas um protesto, contra a rejeição pós-moderna ao essencialismo. Fromm é, sem dúvida, um essencialista, operando com forte adesão a um *communis sensus*, mas seu trabalho sobre o caráter produtivo e o objetivo do modo de ser transmite um sentido e expressão de liberdade que é totalmente compatível com a mais ampla variedade de identidades culturais. De fato, uma das forças de sua obra reside no fato de que ele recorre a fontes éticas desde a Antiguidade até o século XX, e provenientes de diversas religiões e civilizações, para demonstrar a notável persistência do apego comum à liberdade, à justiça e à solidariedade.

É uma pena que teóricos contemporâneos não levem a sério as implicações de não aderir a alguma concepção de natureza humana comum, frequentemente descartando essa ideia sem consideração aprofundada (HABERMAS, 1992, p. 208). Iris Young se aproxima disso quando admite que, de certa maneira, qualquer teoria normativa depende de uma teoria da natureza humana; mas então insiste que qualquer definição de natureza humana é perigosa ~porque ameaça desvalorizar ou excluir certos desejos individuais aceitáveis, características culturais ou modos de vida~ (YOUNG, 1990, p. 36). Parece-me que a abordagem de Fromm resolve essa contradição ao eliminar a suposta ameaça de desvalorização ou exclusão. Diferentes desejos e características podem ser vistos como expressões particulares de orientações universais de caráter, e a obra de Fromm fornece um guia para compreender se promovem ou prejudicam o bem-estar do indivíduo na sociedade, superando o perigo do relativismo pernicioso de que ~vale tudo~.

A formulação de Fromm de uma ética humanista pode ser comparada à contribuição de Alasdair MacIntyre, como mencionado antes. MacIntyre é

frequentemente classificado como comunitarista por dar ênfase no eu sempre situado socialmente, em oposição à noção do indivíduo abstrato favorecida pelos liberais. A autodescrição de Fromm como seguidor de um “socialismo comunitário humanista”⁴⁰ sugere uma semelhança na abordagem e, em certo sentido, isso é verdade. Ambos são ocasionalmente propensos ao romantismo, como quando MacIntyre conclui que a sociedade aguarda um novo São Bento e Fromm conclama o surgimento de uma nova religião (não teísta) e espera que um novo “grande mestre” apareça (FROMM, 1961, p. 340).

No entanto, no caso de MacIntyre, o apelo por renovação moral não é acompanhado por uma estratégia política viável, e o impulso em direção à comunidade assume uma disposição mais conservadora. No caso de Fromm, embora ele seja criticado por permitir que suas inclinações messiânicas atrapalhassem a formulação de uma política radical, pela evidência apresentada acima, essa crítica parece equivocada. Embora seja verdade que observações messiânicas ocasionais de Fromm tendem a enfraquecer seu próprio relato da liberdade humana⁴¹, seria lamentável permitir que elas obscurecessem a importância de sua teoria social. Fromm é um dialético habilidoso, que identifica maneiras pelas quais os métodos modernos de controle social tendem a minar sua própria abrangência e permitir oportunidades de protesto, reforma e reavaliação de valores. É aqui que ele tem muito mais a oferecer do que os recentes, embora louváveis, apelos idealistas por uma revolução compassiva contra o poder corporativo e estatal.

Fromm desenha uma estratégia política progressista que promove uma mudança radical de valores, afastando-os da instrumentalidade, da possessividade e da ânsia de aquisição, e orientando-os para a responsabilidade social e o respeito pelas pessoas. A ação social que favorece essa mudança inclui tanto os movimentos sociais tradicionais quanto os novos, a luta por reformas e também o protesto direto. Por exemplo, Fromm reconheceu a importância da atividade sindical na luta pela participação dos trabalhadores na gestão e pela redução da jornada de trabalho - tema mais que atual, vide o debate acerca do fim da escala 6x1 -, bem

⁴⁰ FROMM, 1961, p. 350.

⁴¹ O impulso religioso envolve necessariamente uma lealdade a uma autoridade que é sempre, em certa medida, externa àqueles que lutam pela liberdade. Isso contradiz diretamente a concepção de liberdade de Fromm, pois é evidente que os objetivos de auto realização e solidariedade humana não podem ser alcançados por um deus *ex machina* situado fora e acima das lutas concretas.

como nas lutas cotidianas contra a violência de gênero - como discriminação e assédio.

Ele foi um dos primeiros teóricos sociais a identificar o potencial radical dos novos movimentos sociais, particularmente aqueles voltados ao ambientalismo e ao feminismo. Manifestou apoio a reformas que considerava capazes de fortalecer e ampliar os processos políticos democráticos e, no caso da renda básica, erradicar as causas da insegurança que com demasiada frequência levam as pessoas a respostas reacionárias ou ao sofrimento.

Fromm identificou o surgimento de "Um Mundo" em uma era de globalização que demanda soluções políticas globais para os problemas da guerra e da paz, da produção e da distribuição, e da sustentabilidade. Em última instância, Fromm manteve firmemente a ideia de que o socialismo é o único movimento político capaz de preservar a esperança de libertação e emancipação humana, o estabelecimento de novos valores morais e a realização da solidariedade humana.⁴² Mas ele reconheceu as fragilidades das formas anteriores de socialismo, particularmente por negligenciarem a visualização de um mundo melhor.

Ao insistir em preencher a lacuna entre o que é necessário e o que é possível, ele nos mostra que o modelo da nova sociedade deve ser determinado pelas exigências do indivíduo não alienado e orientado para o ser.⁴³ Ao colocar essas grandes perguntas sobre por que vivemos como vivemos e como poderíamos viver de maneira diferente e melhor, a obra de Fromm se opõe de modo resolutivo ao crescente pessimismo fatal da vida social e política contemporânea.

⁴² FROMM, 1961, p. 241.

⁴³ FROMM, 1979b, p. 172.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COTTA FORMIGA, D. **A Constituição Humana e a Educação na Sociedade da Aquisição**: Contribuições do Pensamento de Erich Fromm. Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v. 29, n. 2, p. 167-179, 2019.

FROMM, Erich. **A Aplicação da Psicanálise Humanista À Teoria de Marx**. In: Org.: FROMM, E.; MARCUSE, H.; KOSIK, K.; BLOCH, E.; BOTTOMORE, T.B.; DELLA VOLPE, G. Humanismo Socialista. Lisboa: Edições 70, 1976.

FROMM, Erich. **A Arte de Ser**: Reflexões Para Uma Vida Com Mais Significado. São Paulo: Paidós, 2025.

FROMM, Erich. **A Crise da Psicanálise**: Freud, Marx e a Psicologia Social. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FROMM, Erich. **A Revolução da Esperança**: Por Uma Tecnologia Humanizada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FROMM, Erich. **Análise do Homem**. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FROMM, Erich. **Anatomía de la destructividad humana**. Tradução: Félix Blanco. Argentina: Eugenia Huerta, 2004.

FROMM, Erich. **Conceito Marxista do Homem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

FROMM, Erich. **Da desobediência e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

FROMM, Erich. **Meu Encontro com Marx e Freud**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979a.

FROMM, Erich. **O Medo à Liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FROMM, Erich. **On Being Human**. Nova Iorque: Paperback, 1998.

FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979b.

FUNK, Rainer. **Erich Fromm: The Courage to Be Human**. With a Postscript by Erich Fromm. Nova Iorque: Continuum, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Linda MP; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual**: considerações sobre método e bom senso. João Pessoa: Manufatura, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Autonomy and Solidarity**: Interviews with Jürgen Habermas. Londres: Paperback, 1992.

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da Virtude**: Um estudo em teoria moral. Bauru: EDUSC, 2001.

REIS, Carlos; CARVALHO, Eurico. **Introdução à Leitura de Erich Fromm**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n. 04, segunda série, 1987.

ROMANETTO, Matheus. **O Debate Fromm-Marcuse (1955-1956)**. Revista Idéias, Campinas, SP, v. 10, p. 1-75, e019012, 2019.

SANTOS, André de Melo. **O Conceito de Liberdade em Erich Fromm** In: Org.: SANTOS, André de Melo. Erich Fromm e os Dilemas Humanos na Sociedade Moderna. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

VIANA, Nildo. **Erich Fromm e a Renovação da Psicanálise**. Revista Espaço Livre, [S. l.], v. 4, n. 08, p. 31-37, 2022.

WIGGERSHAUS, Rolf. **The Frankfurt School**: Its History, Theories and Political Significance. Cambridge: The MIT Press, 1994.

YOUNG, Iris Marion. **Justice and the Politics of Difference**. Princeton: Princeton University Press, 1990.